

**Geografia das Crianças e Territórios de Infância:
reflexões para quem faz geografia com
as crianças**

Jader Janer Moreira Lopes
Universidade Federal Fluminense
CNPq/FAPERJ
jjaner@pq.cnpq.br

Resumo:

Na produção de seu espaço, as sociedades constroem formas (configurações materiais), cujas funções seriam destinadas para suas crianças. Há, portanto, na configuração das paisagens, na estrutura ou organização espacial, não só locais destinados para as crianças, mas como também artefatos (objetos) gestados por diferentes agentes produtores do espaço e que só podem ser compreendidos a partir das representações de infâncias que pré-existem nessas sociedades.

Estudos desenvolvidos nessa pesquisa demonstram a ausência da criança não só nos documentos oficiais, mas na materialidade de formas e objetos que configuram a paisagem, negando e negligenciando registros de suas passagens, de suas existências no espaço e no tempo, desvelando uma concepção de infância que vê a criança como alguém incapaz de escrever sua história e geografia, incapaz de produzir artefatos sociais, de produzir espaços, e, portanto, cultura.

Mas essa ausência não nega suas presenças nas paisagens das cidades. Foi, assim, que se pôde perceber determinadas parcelas do espaço urbano, existentes nas cidades pesquisadas, tornarem-se lugares de crianças, locais cujas funções originais não foram gestadas para elas, mas que sofreram apropriações e tornarem espaços de suas presentificações.

Percebeu-se a constante capacidade de transformação da lógica espacial, bem como o estabelecimento de lugares e territórios. Pode-se observar que há momentos em que as crianças subvertem, há momentos em que interpretam, reproduzem o espaço e seus objetos, e há momentos de criação, de invenção, transformando-os, reorganizando os princípios da forma, função, localização, organização, representação e outros, a partir de suas ações e com seus pares.

Palavras-chave: Crianças, Infâncias, Geografia da Infância

As Crianças: “o in-fans; o a-topos”

Ontem, à 1 hora da tarde, o sr Pachoal Luiz, negociante à rua Batista de Oliveira, foi a delegacia de polícia, a fim de comunicar ao sr. Delegado o espancamento de que fora vítima o menor Antônio Micucci, empregado da fábrica de tecidos Meurer. O dr. Ribeiro de Abreu recebeu o sr. Pachoal asperamente, não tendo dado providência sobre o fato que é, no entanto, grave.

Procuramos o sr, Paschoal Luiz que nos levou à rua Fonseca Hermes, 124, residência do menor Micucci, onde nos foi narrado o seguinte: Sábado após o almoço, foi o menor Antônio Micucci, de 13 anos de idade, para o trabalho, tendo à tarde voltado muito machucado, devido ao sr. Antônio Gervason, mestre de fábrica, havê-lo espancado brutalmente.

O infeliz operário deitou-se, não tendo conseguido levantar-se até ontem de seu leito, onde está em estado gravíssimo.

(Jornal do Comércio 01/08/1919).

Ao iniciar essa narrativa ocorreu-me que o melhor caminho seria trazer algumas crianças e fragmentos de suas vidas. A escolha não foi aleatória, primeiro por se tratar de uma pesquisa cujo foco central são as crianças e suas vivências de infâncias, e também, para evidenciar o caminho que esse texto irá trilhar até seu final.

Por isso, escolhi como epígrafe a vida de Antônio, um “menor”, um “operário”, uma criança no início de sua juventude, que teve sua vida interrompida após um “brutal” espancamento pelo mestre da fábrica onde trabalhava, como pode ser notado na notícia que aparece no mesmo jornal – de onde foi retirada a epígrafe que abre esse texto - em sua edição do dia seguinte:

“Às 2 horas da tarde, foi o cadáver do inditoso menor conduzido para o necrotério do cemitério municipal, onde se procedeu à necropsia (...)”
(Jornal do Comércio, 02,08, 1919)

E o que a história desse morador da Zona da Mata de Minas Gerais do início do século XX tem haver com esse momento? Com esse tempo? E com essas palavras que aqui discorro?

Encontrei Antônio, quando fazia estudos sobre crianças migrantes, num momento em que tentava compreender como esses meninos e meninas que se deslocam entre diferentes unidades geográficas constroem suas noções espaciais e seus referenciais de lugares.

E foi dedicando-me a esse e outros estudos, junto ao Núcleo Multidisciplinar de pesquisa, extensão e estudos de crianças de 0 a 6 anos (NUMPEC) e, mas tarde no Grupo de Estudos sobre Geografia da Infância (GRUPEGI)¹ que pude encontrar outras crianças, cujas vidas situadas em outros espaços e tempos se assemelham a de Antônio.

¹ Esses grupos estão sediados na Universidade Federal Fluminense.

A vida dessas crianças remeteu-me para duas grandes inquietações, que, na verdade, são também descobertas, que mesmo expostas aqui de forma separadas, possuem estreitas ligações; a primeira refere-se ao fato de se desvelar a presença de crianças na constituição e construção do território brasileiro, percebidos, agora, não apenas como dados estatísticos, como notícias isoladas, mas como sujeitos reais, fincados num tempo-espaço, portanto com uma história e uma geografia na produção desse país; e a segunda, de caráter muito mais pessoal, pois se refere à minha própria formação, comecei a indagar-me o porquê da ausência dessas crianças em minha história de vida acadêmica.

Essa segunda indagação encontrou na minha pessoa grande ressonância, pois se levarmos em consideração o recorte etário proposto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera criança “(...) a pessoa até doze anos de idade incompletos (p.07), no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas nessa faixa etária correspondem a um número total de 33 610 722². Mas não é preciso uma delimitação de idade para materializarmos as crianças e dar sentido a sua existência, basta observarmos, nos nossos entornos; qualquer um ao caminhar pelas diversas paisagens que configuram o espaço brasileiro tem frente ao seu olhar a presença de crianças, sejam sozinhas, sejam acompanhadas de outras crianças, sejam acompanhadas de adultos.

E aqui minhas inquietações se acirraram e levaram-me a questionar por que alguém, que fez estudos sobre a constituição e configuração do Brasil e do espaço mundial, que passou por reflexões, leituras, estudos e debates sobre os processos populacionais, urbanos, agrários, industriais, entre muitos outros que sistematizam um currículo acadêmico nessa área de conhecimento, acabou por não encontrar, ou encontrar de forma muito tímida as crianças?

Hoje me pergunto: onde estariam os grumetes que aqui fugiram da esquadra de Cabral, quando de sua chegada às terras que, mais tarde, configurariam o Brasil? E que, se de fato não retornaram, tornaram-se as primeiras crianças migrantes para cá, como aparece descrito ao final da carta de Caminha, escrita em 1500, ao Rei de Portugal:

Creo Senhor que com estes dous degradados que aquy ficam. ficam mais dous grumetes que esta noute se sairam desta naao no esqujfe em terra fogidos, os quaaes nõ vierã majs e creemos que ficaram aquy por que demanhaã prazendo adeus fazemos daquy nosa partida. (Lima, 1965)

² Dados do censo de 2000, disponível em www.ibge.gov.br

Onde estariam as crianças indígenas que aqui pereceram? Ou as negras que fugiam da escravidão ou, ainda, eram comercializadas nos espaços urbanos brasileiros? Como nos narra as páginas do jornal o *Pharol*, que circulava na Zona da Mata Mineira no século XIX, em seus noticiários:

O Sr. Comendador Monte Negro, proprietário da colônia Nova Louzã, acaba de praticar um acto digno dos maiores encômios.

Uns índios guaranys que pretendião seguir para o Rio de Janeiro, mas que forão disso dissuadidos pelo mau estado sanitário da corte, dividirão-se vindo parte delles para esta capital.

No dia 25 passado, nas mattas daquela colônia, foram encontrados 15 desses infelizes, quasi todos doentes, famintos e quasi sem roupa em sua totalidade.

Fazião grande alarido pranteando a morte de uma criança. O Sr. Comendador Monte Negro os mandou recolher, prestando-lhes serviços de caridade propria de um coração bomfazejo. Duas crianças que forão recolhidas quase moribundas não sobreviverão (...) ³ (O *Pharol*, 11 de abril de 1878, 5^o feira

ou em seus anúncios de primeira página:

Pelo presente convido as pessoas que pretenderem comprar os escravos: Severo Creoulo, 38 annos, avaliado em 1500\$, Fortunato de nação, 45 annos, avaliado em 800\$, Januario Africano, 40 annos, avaliado em 300\$, Maxima, creoula, 40 annos, avaliada em 1:000\$, Cândida, filha desta, 6 annos, avaliada em 600\$, Ambrosina, 3 annos, avaliada em 250\$ (...) ⁴

Por que ao fazer os estudos sobre as indústrias no Brasil, não tomei conhecimento sobre a Fábrica de Tecidos Mariângela, de Francisco Matarazzo, localizada em São Paulo, que implementou, em sua produção fabril, máquinas de tamanhos reduzidos, adaptadas ao tamanho das crianças, como forma de aumentar a produtividade dos pequenos (Moura,1999)? São crianças sem geografias? Sem histórias?

No meio acadêmico, a materialidade das crianças tem tido diferentes representações, essas têm sido “objetos”, “sujeitos” de estudo de diversas ciências (Sociologia, Pedagogia, Psicologia, são só alguns exemplos) que as têm percebido ora como portadoras do discurso do outro, ora como portadoras de seu próprio discurso, ora como objetos mudos. Para Sarmento (2005), um traço que tem acompanhado as crianças é a compreensão de suas infâncias na perspectiva da negatividade, inscrita desde a palavra latina, é o *in-fans*, o que não fala e perpetuando-se em outros momentos históricos: é a idade da não razão, é a idade do não

³

⁴ O *Pharol*, 04 de junho de 1876, Domingo, 1^o página.

trabalho, e mais recentemente, frente as mudanças contemporâneas, que têm alardeado para alguns o desaparecimento da infância (por exemplo, Postman, 1999) é a idade não-infância.

Poderíamos agregar, ainda, às suas reflexões mais uma negatividade: a do espaço e do tempo, a noção de uma infância percebida como sujeitos “a-topos”, ou seja, de lugar nenhum, como sujeitos a-temporais, de tempo nenhum.

Essa perspectiva de ver a criança e de conceber a infância nega seu papel de sujeito social, nega a existência de suas historicidades e geograficidades, nega suas possibilidades de construção, de ação e de diálogo na produção dos espaços e tempos em que se inserem e as colocam na condição de sujeitos passivos, e portanto, passíveis de receberem ações que vem dos “outros” que compõem seus cotidianos.

A infância, portanto, tem sido percebida muito mais pela sua ausência, pela sua incompletude, do que pela sua presença, concepção que se espraia em várias dimensões sociais e materializam ações em diversos campos da sociedade e do conhecimento.

Essa leitura está presente também nas suas relações espaciais que, em nome de um suposto caminho que todas as crianças deveriam percorrer na sistematização da construção de sua inserção espacial, de forma universal, mantiveram-nas deslocadas de seus contextos culturais e de pares, e também afastadas dos momentos de organização e produção dos espaços em que vivem e, historicamente, negligenciaram suas linguagens espaciais.

Porém, essa aparente invisibilidade está contradita nos registros, nos documentos históricos, nas realidades geográficas que aparecem expressas nas descrições que abrem esse texto. Esse “calar” não foi vivenciado de forma passiva pelas crianças, que fazem do espaço um local de atuação, de presentificação, de linguagem. O que nos mostra que, a despeito dessa visão adultocêntrica, se há traços comuns entre todas as crianças, independentes de suas infâncias, tem sido suas capacidades de inventar, de subverter, de criar e re-criar os esquemas e estruturas pré-traçados para elas, materializando suas presenças nos diversos grupos sociais em que se encontram. Assim, para Sarmiento (2005, pg. 25):

(...) a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus cotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também, nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-

infância: esta aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche.

E a infância não é o não-lugar, o não-tempo.

A infância, portanto se dá num amplo espaço negociação que implica a produção de culturas de criança, do lugar, dos lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e suas instituições e das territorialidades de criança, resultando desse embate uma configuração a qual chamamos territorialidades infantis, cujo campo de reflexão temos chamado de Geografia da Infância (Lopes e Vasconcellos, 2005).

Essa pesquisa parte desse pressuposto e tem sua origem nessas inquietações, buscou-se compreender a presença das crianças no espaço brasileiro, na sua produção e organização, foi assim que se gestou esse projeto, cujo título é “Produção do Território Brasileiro e Produção dos Territórios de Infância: por onde andam nossas crianças?”⁵

Buscando responder essa indagação, demos início a um estudo teórico envolvendo as diversas temáticas do projeto; esse estudo gerou um conjunto de questões que passaram a nos acompanhar, tais como: o que são as crianças? O que se entende por infância? Como as diferentes áreas acadêmicas têm contribuído para os estudos das crianças e suas infâncias? Como ocorre a construção da noção de espaço pelas crianças? Como a infância está se configurando em tempos de uma nova organização do capital? Quais os projetos de infância dos diferentes agentes que produzem? Como as crianças percebem e vivem esses espaços? O espaço escolar se constitui como um território de infância? Entre outras.

Para responder a tantas inquietações tivemos que trabalhar com diversas fontes, sujeitos e etapas de pesquisa, tais como: a busca documental para levantar os diferentes territórios de infância pensados e gestados ao longo da história brasileira e fornecer subsídios para um diálogo com os projetos contemporâneos; entrevistas, análises de projetos, documentos, estratégias e ações implementadas ou não, mapeamento dos espaços de infância na perspectiva dos diferentes agentes produtores do espaço (poder público, setor privado, organização não governamentais, entre outros) e na perspectiva das próprias crianças, que também são, elas mesmas, agentes nesse processo.

Sua amplitude inicial foi proposital, pois pretendíamos, naquele momento, iniciar uma pesquisa que tivesse uma permanência no tempo e no espaço, buscando romper com as

⁵ Nesse momento foi constituído um grupo composto por pessoas de diferentes inserções acadêmicas, o que me faz a partir daqui abandonar a escrita desse relatório num estilo mais autobiográfico (na primeira pessoa do singular) e assumir uma posição e escrita mais coletiva (portanto, na primeira pessoa do plural). Atualmente a pesquisa está na segunda fase intitulada “Crianças na Paisagem: estratégias de apropriação, produção e reconfiguração do espaço.”

efemeridades comuns a este momento histórico que estamos vivendo, algo que poderia ser possibilitado através de maior desdobramento de estudos e extensão de pesquisas possíveis em diversas áreas e campos do conhecimento. Não estávamos preocupados, assim, com um limite temporal, mas, sobretudo, que a cada período, que cada recorte de tempo, pudesse trazer alguma construção teórica a ser agregada a esse projeto mais amplo.

Dessa maneira, foi pensada uma série de ações as quais estão abrigadas dentro desse título mais alargado e que estão sendo gradativamente sistematizadas. Isso não significa que algumas ações ocorridas estão encerradas, ao contrário espera-se que se possa aprofundá-las ou desenvolvê-las em outras realidades.

Dentro desse amplo universo, tivemos como escolha iniciarmos a pesquisa pela pergunta final do projeto: por onde andam nossas crianças? E foi com essa questão que nos direcionamos ao campo e a diversas fontes escritas, cujos achados geraram esse primeiro relatório parcial e outros trabalhos.⁶

Como a primeira etapa desse projeto objetivou localizar as crianças em diferentes paisagens urbanas, optamos por ter como referência central a observação direta dos pesquisadores em campos previamente escolhidos, ou seja, o contato estreito entre os pesquisadores e o campo onde ocorreriam os trabalhos, sem a presença de intermediários; nessa perspectiva assumimos um postura etnográfica. Não ocorreu a preocupação de diferenciar as suas idades. Foram consideradas crianças sozinhas ou acompanhadas de adultos.

Foram feitas uma série de descrições, acompanhadas de desenhos e mapas, que pudessem marcar a presença da criança no espaço, diálogos também foram registrados, desvelando os movimentos rotineiros que marcam seus cotidianos e configuram suas infâncias.

Essa perspectiva de observação teve como principal objetivo reconhecer a presença e os processos de apropriação espacial por crianças a partir das relações entre elas e com o mundo edificado pelos adultos e nos chamados artefatos de infância. Reconhecemos, assim, que as culturas da infância se estabelecem no interstício entre as crianças, seus pares, o mundo adulto e todas os diferentes agentes que fazem parte desse processo, que temos nomeado de territórios de infância.

⁶ Podemos citar como trabalhos agregados a esse projeto as monografias de conclusões de curso “Olhando um olhar: Drebet e a infância no Brasil novecentista de Liliâne Neves da Silva, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2007; “Literatura Infantil e a construção da noção de paisagem pelas crianças, de Maria Angélica S. Marinho Moreira, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense.

Para isso, foram definidas previamente três cidades, utilizou-se como critério de escolha as seguintes características: duas cidades de porte médio, sendo uma localizada do interior outra em uma zona metropolitana e uma cidade considerada pequena. Dessa forma foram escolhidas as cidades de Juiz de Fora, Minas Gerais; Niterói e Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro.

Em duas cidades optou-se por fazer a observação sem a interferência do pesquisador nos movimentos das crianças, mas a preocupação maior era registrar seus movimentos, atuações e presenças no espaço. Em uma das cidades, escolheu-se travar uma observação mais próxima com as crianças e tentar compreender suas vivências espaciais, inclusive tentando vivenciar suas rotinas no espaço.

O trabalho de campo revelou que na produção de seu espaço as sociedades constroem formas (configurações materiais), cujas funções seriam destinadas para suas crianças. Há, portanto, na configuração das paisagens, na estrutura ou organização espacial, não só locais destinados para as crianças, mas como também artefatos (objetos) gestados por diferentes agentes produtores do espaço e que só podem ser compreendidos a partir das representações de infâncias que pré-existem nessas sociedades.

Apesar das diferenças espaciais entre as três cidades, suas singulares histórico-geográficas, podemos perceber é que é muito similar a configuração não só nos objetos, que se repetem em todas, mas também das formas, o que denotam uma perspectiva homogeneizada de infância.

Algumas dessas formas estão presentes nos documentos oficiais, como os planos diretores das cidades, pois ao fazermos uma análise desses documentos, podemos perceber que eles pouco ou nada trazem de propostas na organização das cidades relativo à presença da criança, salvo em seu aspecto de uma educação institucionalizada, ou no trato à crianças consideradas “problemas”.

Constatamos, assim, numa primeira observação a ausência da criança não só nos documentos oficiais, mas na materialidade de formas e objetos que configuram a paisagem, negando e negligenciando registros de suas passagens, de suas existências no espaço e no tempo, desvelando uma concepção de infância que vê a criança como alguém incapaz de escrever sua história e geografia, incapaz de produzir artefatos sociais, de produzir espaços, e, portanto, cultura.

Mas essa ausência não nega suas presenças nas paisagens das cidades, basta um olhar com maior acuidade veremos suas ações e atuações em diversos locais.

Foi, assim, que pode se perceber determinadas parcelas do espaço urbano existente nas cidades pesquisadas, tornarem-se lugares de crianças, locais cujas funções originais não foram gestadas para elas, mas que sofreram apropriações e tornarem espaços de suas presentificações.

Percebeu-se a constante capacidade de transformação da lógica espacial, bem como o estabelecimento de lugares e territórios. Os liames entre essas duas categorias geográficas foram muito estreitos, o que nos obriga a utilizá-las a partir da sua fusão, ou seja, para as crianças a prática espacial é uma prática de lugar-território, já que apreendem o espaço em suas escalas vivenciais, a partir de seus pares, do mundo adulto, da sociedade em que se inserem.

Na constituição dos territórios-lugares, pode-se perceber a presença dos seguintes processos:

- . A vivência do espaço como interação, como processo e não como palco;
- . os processos de subversão do espaço, de ir contra o instituído, em que essas sabem dos espaços que são tidos como proibidos, mas muitas vezes acessados a partir de suas interações com os pares;
- . nos processos de subversão da ordem previamente instituída, está presente não só o acesso ao espaço vedado, mas também na forma original dos objetos, nos artefatos de infância e nas maneiras como são utilizados, como os brinquedos presentes nos parques, nas praças e em outros locais, que geralmente fogem ao padrão inicial;
- . o conhecimento da comunidade de criança, do sentimento de identidade e pertença, que faz a separação delas com os demais grupos sociais, na medida em que existem artefatos, locais, movimentos que são típicos de crianças, reconhecidos e nomeados por elas;
- . uma grande capacidade de abstração das crianças, de uma invenção produtiva, que difere das anteriores, pois essas criam, a partir do espaço e dos artefatos aí presentes, situações, objetos, coisas, nomeações.

Pode-se observar que há momentos em que as crianças subvertem, há momentos em que interpretam, reproduzem o espaço e seus objetos, e há momentos de criação, de invenção, transformando-os, reorganizando os princípios da forma, função, localização, organização, representação e outros, a partir de suas ações.

Essa pesquisa, portanto, busca fazer aproximações entre as recentes produções na área das crianças e suas infâncias com a Geografia trazendo contribuições para quem trabalha com as crianças. Assim, espaço, criança, infância e as implicações acadêmicas e pedagógicas são as temáticas persistentes dessa proposta.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para as reflexões que se fazem hoje sobre as crianças e suas infâncias, percebendo-as como sujeitos ativos na construção da sociedade, buscando desvelar toda a complexidade que envolve seus processos de atuação frente ao mundo e materializá-las como sujeitos reais na criação, alteração e construção de seus espaços e, portanto, do território brasileiro.

Que possamos percebê-las como pessoas que não estão deslocadas do espaço e do tempo, mas como sujeitos reais, que brincam, se divertem, estão na escola ou não, estão no campo, nas lavouras, nas fábricas, nas ruas, em movimento de migrações, realidade tão bem captada nas palavras de Graciliano Ramos:

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitoria com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os Juazeiros aproximaram-se, recuaram-se, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. (...)

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (...)

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado, (...) Fabiano meteu a faca na bainha, guardou no cinturão, acorrou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. (...) pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cabitos. (...)

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

Graciliano Ramos em Vidas Secas

- Referências bibliográficas e outras indicações de leitura:

- AGUIAR, Carmem M. **Educação, Cultura e Criança**. Campinas: Papirus, 1994.
- ARIÈS, Philippe. 1991. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC.
- BORBA, Ângela Meyer. **As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos**. Caxambu: ANPED, 2006.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 1998.
- CORSARO, W. **The Sociology of Childhood**. Thousand Oaks Cal.; Pine Forge Press, 1997.
- _____ . **We're friends right? Inside kids' culture**. Washington D.C., Joseph Henry Press, 2003.
- DARNTON, Robert. 1986. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Graal.
- DELANDE, J. **La cour de récreation; pour une anthropologie de l'enfance**. Rennes, France: preses Universitaires de Rennes, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HEYWOOD, Colin. 2004. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed.
- JAMES, A., PROUT, A. (eds) **Cronstructing and reconstructing childhood**. London: Falmer Press, 1990.
- LIMA, Alceu A. et all. 1965. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Agir editora.
- LOPES, Jader Janer M. 2005. **Crianças e jovens em movimento: histórias e identidades no espaço brasileiro** in VASCONCELLOS, Vera M. R. de. **Educação da Infância: História e Política**. Rio de Janeiro: DP&A editora.
- LOPES, Jader Janer M.; VASCONCELLOS, Tânia de. 2005. **Geografia da Infância. Reflexões sobre uma área de pesquisa**. FEME, Juiz de Fora, FEME.
- MASSEY, Doreen. **Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações in GEOgraphia**. Revista da Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: ano VI, n. 12. Dezembro de 2004.

- MOURA, Esleralda Blanco Bolsonaro. **Crianças operárias na recém-industrializada DEL PRIORE**, Mary (Org.). **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto. 1999.
- NUNES, Angela. 2002. **No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante** in SILVA, Aracy L. et alli. 2002. **Crianças indígenas. Ensaio Antropológico**. São Paulo: FAPESP/Global/Wari.
- PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995
- PINO, Angel. **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Martins, 1972.
- SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2a modernidade** in SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B (org). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.
- SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo** in SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel (org.) **As crianças contextos e identidades**. Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho. Portugal. 1997.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças: educação, culturas e cidadania activa** in Perspectiva- Revista do Centro de Ciências da Educação. V. 23, Florianópolis, Editora da UFSC, 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **Culturas Infantis e interculutralidade** in DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo Pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes. 2007.
- SARMENTO, Manuel; SILVA, Raquel; COSTA, Salette. **As Penas do Galo de Barcelos: Infância, Trabalho e Lazer** in Arquivos da Memória. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. Educação, Jogo e Aprendizagem. N. Duplo 6/7. Universidade Nova de Lisboa. 1999.
- SARMENTO, Manuel; SILVA, Raquel; COSTA, Salette. **As Penas do Galo de Barcelos: Infância, Trabalho e Lazer** in Arquivos da Memória. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. Educação, Jogo e Aprendizagem. N. Duplo 6/7. Universidade Nova de Lisboa. 1999.
- SARMENTO, Manuel. **Culturas Infantis e interculturalidades** in DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SILVA, Liliane Neves da. **Olhando um olhar: Drebet e a infância no Brasil novecentista**. Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2007